
MEMÓRIA DA DOR: NARRATIVAS E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA PANDEMIA DO COVID 19 E OS IMPACTOS SOCIAIS

PAIN MEMORY: NARRATIVES AND SCIENTIFIC COMMUNICATION OF HEALTH PROFESSIONALS IN THE PANDEMIC OF COVID 19 AND THE SOCIAL IMPACTS

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Ciência da Informação pela UFPB. Professora da UFPB. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6836-3102>.

RESUMO: Discute a atuação de profissionais da saúde sob a perspectiva da memória social e suas contribuições acadêmicas a partir de relatos extraídos da produção científica no âmbito da Síndrome respiratória aguda grave de Coronavírus 2 (Sars-CoV 2), provocador do quadro de infecção viral denominada de Covid 19. Adotou-se como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica e descritiva. Para tanto tomou-se sujeitos profissionais da saúde que atuaram na linha de frente no combate a pandemia. Os resultados revelam sentimentos que se traduzem a partir das narrativas diante da ausência de equipamentos necessários ao atendimento célere e humanizado o que contribui para afetar a saúde mental desses mesmos profissionais.

Palavras-Chave: Memória social. Covid 19. Profissionais de Saúde. Pandemia.

ABSTRACT: It discusses the performance of health professionals from the perspective of social memory and their academic contributions based on reports extracted from scientific production in the context of the severe acute respiratory syndrome of Coronavirus 2 (Sars-CoV 2), causing the viral infection called COVID 19. As a methodological approach, was adopt a qualitative bibliographic and descriptive research. For this purpose, health professionals who worked on the front line in combating the pandemic were taken into account. The results reveal feelings that translate from the narratives in the face of the absence of equipment necessary for quick and humanized care, which contributes to affect the mental health of these same professionals.

Keyword: Social memory. Covid 19. Health professionals. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

Texto, originalmente, apresentado durante a palestra proferida por ocasião do V Colóquio Internacional “A Medicina na Era da Informação” (MEDINFOR) 2020. Diante da

temática provocadora proposta pelo evento, optamos por refleti-la sob a ótica do nosso lugar de fala, ou seja, a informação e memória, priorizando as vozes dos profissionais de saúde que estiveram na linha de frente no combate a pandemia, sobretudo nesse momento de enfrentamento da Síndrome respiratória aguda grave de Coronavírus 2 (Sars-CoV 2), provocador do quadro de infecção viral denominada de Covid 19, que transformou o mundo desde março do ano em curso.

Iniciamos, portanto justificando o título que nomeia o texto: “Memória da Dor”. De início, foi inspirado no longa-metragem com o mesmo título baseado na obra de Marguerite Duras, uma proeminente escritora do século XX, que concorreu durante o *20º Festival de Cinema do Rio de Janeiro, em novembro de 2018*, Memórias da Dor. O filme se estrutura numa modalidade autobiográfica da autora ao vivenciar a prisão do marido na França ocupada pelos Alemães durante a segunda Guerra Mundial, especificamente nos anos de 1944 e 1945, quando em quase um ato de resistência busca descobrir o paradeiro do marido preso por ações de resistência. Atitude nem sempre aprovado por amigos e outrem. Mas, qual a relação do filme com o enfrentamento ao estado pandêmico pelos profissionais de saúde? Qual a relação direta com o evento em tê-la?

Diz respeito a dor que sentimos pelos milhões de mortes no mundo inteiro e, em especial, no Brasil que ultrapassa mais de 140.000 mortes.

Outro fator preponderante relaciona-se diretamente ao número de profissionais de saúde infectados no Brasil que de acordo com a Jonas (2020), em reportagem datada de 24 de agosto de 2020, somavam-se 257 mil casos de profissionais de saúde infectados pelo Covid 19 e 226 mortes em todo o país. De acordo com Jonas (2020) em seu texto publicado na Agência Brasil “as categorias mais vitimadas foram técnicos e auxiliares de enfermagem (38,5%), médicos (21,7%) e enfermeiros (15,9%). Já entre os casos, os mais atingidos foram técnicos e auxiliares de enfermagem (34,4%), enfermeiros (14,5%), médicos (10,7%) e agentes comunitários de saúde (4,9%)”. Os dados revelam que o mal invisível afeta, impiedosamente, a todos.

De acordo com Judith Butler (2020, p. 60): El virus no discrimina. Podríamos decir que nos trata por igual, nos pone igualmente en riesgo de enfermar, perder a alguien cercano y vivir en un mundo de inminente amenaza. Por cierto, se mueve y ataca, el virus demuestra que la comunidad humana es igualmente frágil.

Todavia, nessa meticulosa missão de salvar vidas, e apesar da delimitação do grupo de risco no âmbito da saúde e outros, verifica-se em muitos depoimentos as causas que levam

vários profissionais correrem riscos. Isso não diz respeito apenas ao juramento profissional, mas também a sensibilidade pela causa humanitária, em especial pela capacidade de ajudar a ajudar. Nesse movimento alguns acabam por, obrigatoriamente distanciar-se dos familiares, dos amigos bem como a contrair o vírus levando do papel de assistente para assistido. Ao vivenciar esse processo de inversão, submetendo-se ao cuidado de outros, estes profissionais registram suas dores, expõe publicamente, num misto de catarse o sentimento de gratidão, de libertação e de perda, considerando que alguns também perderam seus entes par ao mal invisível, e cujo conhecimento não foi suficiente para salvá-los.

Para Rodrigues e Silva (2020, p. 2-3) a transmissão do vírus se constitui em forte desafio que afeta diretamente a saúde pública. Nesse sentido afirmam:

Trata-se de um grande desafio para a saúde pública mundial os impactos vivenciados frente a este vírus de fácil e rápida propagação na população, e que, ocasiona mudança abrupta nas rotinas das instituições de saúde, observando-se um panorama de intensificação de internações hospitalares em detrimento dos agravos respiratórios. [...]. Levando em consideração que é indispensável manter em atividade o maior número de profissionais com vistas à minimização de impactos negativos desta situação de pandemia na sociedade, os cuidados com a prevenção de doenças e promoção da saúde entre os trabalhadores devem ser priorizados.

Por outro lado, há ainda que considerar que enquanto outros, cultivam o dever de manter-se na linha de frente ainda que atingidos pela dor, a sua dor, a dor de outrem, num movimento temporal que os faz percorrer quase que, instantaneamente, os sentidos da vida, segundo Silva Filho (2008, p. 153) “ A dignidade humana advém de um saber medir-se com a morte que ficou para trás, não apenas com a que está à frente, esperando por cada um”.

2 A DIMENSÃO TEMPORAL DA DOR E A FUNÇÃO DA MEMÓRIA

O tempo sombrio a que estamos submetidos em razão do processo pandêmico de acordo com Torres (2020) leva-nos a um estado de afetação por “alterações fisiológicas, comportamentais, emocionais e cognitivas que estão sendo experienciadas pelos indivíduos”. Nesse aspecto, ao pensar as dimensões cognitivas deparamo-nos com a dimensão da memória. Nesse sentido, questões relacionadas a memória foram trazidas à baila ainda no Século 4^a.C-65, por Sêneca nos denominados discursos consolatórios direcionados a Márcia. Esta que impossibilitada de superar a perda do filho, recusa-se a lembrá-lo em vida, fixando-

se, irrestritamente, na morte. O filósofo ao continuar com suas práticas consolatórias, especificamente, nas relacionadas as exortações a Políbio, aconselha-o registrar as memórias do irmão que morrera, como forma de imortalizá-lo, uma espécie de obra do espírito “[...] mais vale imortalizá-lo por seu talento durável do que lhe consagrar lágrimas estéreis” (SÊNECA, XVIII, 2, 1998, p. 98 apud SILVA, 2011, p. 713). O filósofo compreende a necessidade da emoção, todavia, sugere não se deixar abater por ela, razão pela qual insiste no cultivo da memória do vivo, ao afirmar: “Trate de desejar que a lembrança de seu irmão venha a todo o momento ao seu espírito, de falar frequentemente de seu irmão, de ter sua imagem sempre frente aos olhos” (SÊNECA, XVIII, 7, 1998, p. 99 SILVA, 2011, p. 713), incitando que essa memória seja revestida de lembranças agradáveis, como a amabilidade, as boas ações entre outros que rememore positivamente o ausente. Sugestão aparentemente aderida pelo Memorial “Inumeráveis¹”, iniciativa dedicada as vítimas da Covid 19. Muitas memórias foram e estão ali registradas propiciando aos que o fazem uma espécie de catarse da dor.

Aristóteles defende a memória como um ofício de reminiscência, uma quase ressuscitar. Nesse entendimento a memória se configura como possibilidade de dominar os afetos. Todavia, há que considerar que no campo funcional das memórias individuais os sujeitos tomam por empréstimo de seu meio as palavras, as ideias, costumes e por eles é moldado, ou seja, toda memória individual se constrói na relação com o coletivo. Assim afirma Halbwachs (2013, p. 72): “[...] a memória coletiva contém memórias individuais, mas não se confunde com elas”.

Nesse cenário de dor provocado pelo avanço da Covid 19, o mundo foi evocado a novas formas de agir. O cenário aterrorizante de perdas levou a formas diferenciadas de comportamentos fazendo renascer, por meio dos registros memoriais resultantes do estado de exceção, o espírito de solidariedade, como registramos no item que segue.

2.1 DEPOIMENTOS EM CENA: memórias de profissionais da saúde diante da Covid 19

Os relatos aqui expostos foram extraídos de outras publicações, por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter descritiva. Em cena entram profissionais de saúde de áreas distintas, como a fisioterapia, a medicina e a enfermagem. São pequenos relatos em que

¹ Para conhecer acesse: inumeraveis.com.br

adotamos os princípios consolatórios de Sêneca, ao sugerir manter viva as boas memórias. Apesar das dores, fica registrado o heroísmo desses profissionais.

No palco da vida profissional entra uma jovem fisioterapeuta com onze anos de exercício profissional, cujo depoimento viralizou nas redes sociais, nos jornais eletrônicos. A fisioterapeuta em cena atua na linha de frente do combate ao Covid 19. Suas palavras registraram o terror no fronte de uma unidade de terapia intensiva “12 horas sem a troca da máscara N95, [...] precisar comer em minutos e até esquecer de beber água.” Foi com estes termos a jovem iniciou seu desabafo. Parada, dentro de seu automóvel, após um plantão de 12 horas, numa rotina incessante entre escolhas nem sempre satisfatórias e escreveu: “[...] aqui estamos passando pela pior experiência profissional, no meu caso a pior desde a minha formação [...] não chega ao que senti hoje...”. Ao relatar suas angústias por meio do texto escrito sua voz parece saltar do papel e soar aos ouvidos como um registro da dor, especialmente quando atende pacientes com insuficiência respiratória que agoniza sem muita esperança de recuperação. A ausência de equipamentos para atender a todos e ao mesmo tempo buscar forças ao driblar a própria força ao exceder o tempo de recomendação em manobras cansativas. O relato da profissional deixa transparecer a dor do momento ao tempo em que “[...] foi a pior experiência profissional, mas, na verdade, é a pior experiência de vida”, e complementa: “[...] mudar o desfecho destes pacientes, por este motivo eu não posso desistir e nem quero, pois amo o que faço”.

O relato em tela refere-se ao um médico que, atuando na linha de frente foi contaminado pelo Covid 19, apesar de todas as precauções. O vírus tomou-lhe o corpo comprometendo 50% de sua capacidade pulmonar do órgão direito e atingindo também o pulmão esquerdo. No seio de uma unidade de terapia intensiva, ele não acreditava na possibilidade de reversão de seu quadro. Mas, venceu a Covid 19 e registrou: “Não acreditei que pudesse sobreviver. Deus me deu mais uma chance de vida, por isso, como nesse testemunho, se estiver desacreditado, tenha fé, pois Deus pode te salvar”. Nesse processo de registro da dor, Foucault (1992) denomina de escrita de si, uma espécie de memória do eu, um movimento interior de si mesmo, uma aproximação confessional.

Ao relatar o cotidiano diante do estado de terror causado pela pandemia os profissionais de saúde parecem encontrar um campo intencional para os registros do pensamento, das experiências observadas, ouvidas. Uma espécie de registro memorial do/no

tempo capaz de evocar para si e para outrem possibilidades de ações capazes de contribuir na reformulação discursiva e subjetivas, transformando-se a si e ao outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: no registro de novos enredos

Ao registrar suas experiências os profissionais de saúde revelam sentimentos que se traduzem a partir das narrativas diante da ausência de equipamentos necessários ao atendimento célere e humanizado o que contribui para afetar o bem-estar desses mesmos profissionais, nesse aspecto observa-se um retorno ao passado daquilo que lhe atinge a alma, tornando-se um instrumento de libertação, nesse aspecto afirma Halbwachs (2013, p. 39): “[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum”.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **El capitalismo tiene sus limites**. In: AGABEN, Giorgio et al. Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo en tiempos de pandemias. Aspo, 2020.
- CRISTINE, Marjoriê. **Coronavírus: após desabafo de fisioterapeuta, conselho do Rio notificará autoridades sobre irregularidades**. Extra: Rio de Janeiro. Abril de 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/coronavirus-apos-desabafo-de-fisioterapeuta-conselho-do-rio-notificara-autoridades-sobre-irregularidades-24367567.html>. Acesso em: 05 de ago. 2020.
- CRISTINE, Marjoriê. **Coronavírus: Fisioterapeuta do Rio desabafa sobre situação caótica em hospital**. Extra: Rio de Janeiro. Abril de 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/coronavirus-fisioterapeuta-do-rio-desabafa-sobre-situacao-caotica-em-hospital-rv1-1-24361331.html>. Acesso em: 05 de ago. 2020.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. Rio de Janeiro: Vega, 1992.
- GOMES, Rafael. **Não acreditei que pudesse sobreviver: diz médico que ficou na UTI com covid-19**. Tribunaonline, 2020. Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/nao-acreditei-que-pudesse-sobreviver-diz-medico-que-ficou-na-uti-com-covid-19>. Acesso em: 05 de ago. 2020.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- SILVA, Paulo José Carvalho da. Lembrar para esquecer: a memória da dor no luto e na consolação **Rev. Latinoam. psicopatol. fundam**. São Paulo, v. 14, n. 4, p. 711-720. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142011000400010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 out. 2020.

SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. O anjo da história e a memória das vítimas: o caso da ditadura militar no Brasil. **Veritas**, Porto Alegre v. 53 n. 2 abr./jun. 2008 p. 150-178.

RODRIGUES NH, SILVA LGA. Gestão da pandemia Coronavírus em um hospital: relato de experiência profissional. **J. nurs. health**. 2020;10(n.esp.):e20104004

TORRES, Nione. **Vivenciar um adeus sem despedidas**: a dor do luto na Covid-19 (Parte I). Disponível em: <https://www.comportese.com/2020/07/vivenciar-um-adeus-sem-despedidas-a-dor-do-luto-na-covid-19-parte-i>. Acesso: 05 de agos. 2020.

VALENTE, Jonas. **COVID-19 - 257 mil profissionais de saúde foram infectados no Brasil**: mortes atingem 226 trabalhadores em todo o país. Agência Brasil: Brasília, agosto de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-08/covid-19-257-mil-profissionais-de-saude-foram-infectados-no-brasil#:~:text=Covid%2D19%3A%20257%20mil%20profissionais%20de%20sa%C3%BAde%20foram%20infectados%20no%20Brasil,-Mortes%20atingiram%20226>. Acesso em: 05 de ago. 2020.

Recebido/ Received: 18/08/2020
Aceito/ Accepted: 09/09/2020
Publicado/ Published: 25/10/2020